

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.029

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lenice Lopes de Almeida¹

Luciéte Carmen Gomes de Oliveira²

Rita de Kássia de Oliveira³

RESUMO

Este estudo investiga o papel da contação de histórias no desenvolvimento da linguagem oral e escrita na educação infantil, enfatizando sua importância para a ampliação do vocabulário, a compreensão textual e a construção do pensamento crítico. A contação de histórias é uma prática pedagógica tradicional que se mantém relevante devido ao seu potencial de engajamento e estímulo à aprendizagem. Ao ouvir e interagir com narrativas, as crianças desenvolvem habilidades linguísticas essenciais, como a capacidade de expressar ideias, estruturar frases e interpretar diferentes contextos comunicativos. A metodologia adotada para a investigação foi uma revisão bibliográfica, que analisou pesquisas acadêmicas sobre a influência das narrativas orais no processo de aquisição da linguagem. Diversos estudos evidenciam que a exposição frequente a histórias favorece não apenas o enriquecimento do repertório linguístico, mas também a estimulação da criatividade, o desenvolvimento da empatia e o fortalecimento dos vínculos socioafetivos entre educadores e crianças. Além disso, a contação de histórias

1 Mestranda em Ciência da Educação pela UNAEDS- PY; lenicella28@gmail.com.

2 Mestranda em Ciência da Educação pela UNAEDS -PY; lucietecarmem@hotmail.com

3 Mestranda em Ciência da Educação pela UNAEDS- PY; profritak@gmail.com

promove a concentração, a escuta atenta e o prazer pela leitura, contribuindo significativamente para o processo de alfabetização. Os resultados indicam que práticas interativas de narração, como a utilização de entonação expressiva, pausas estratégicas e estímulos à participação da criança, potencializam o desenvolvimento da oralidade e da interpretação textual. Nesse sentido, a contação de histórias deve ser incorporada de maneira sistemática ao planejamento pedagógico da educação infantil, com o uso de diferentes recursos, como livros ilustrados, fantoches, dramatizações e recursos multimídia. Assim, políticas educacionais devem incentivar a formação continuada de professores para o aprimoramento dessa estratégia, reconhecendo seu impacto positivo na alfabetização e no desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Ensino dos Biomas, Moda Sustentável.

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma das mais antigas formas de comunicação e de transmissão de saberes, presente nas diferentes culturas como meio de conservar tradições, valores e identidades coletivas. No contexto educacional, essa prática adquire relevância especial, sobretudo na educação infantil, fase em que a criança constrói suas primeiras relações com a linguagem, com o outro e com o mundo. Contar histórias é mais do que entreter: é proporcionar experiências simbólicas que despertam a imaginação, estimulam a escuta sensível e fortalecem os laços afetivos entre professor e aluno. A oralidade, nesse sentido, constitui-se como o primeiro instrumento de mediação cultural e cognitiva, servindo de base para o desenvolvimento das competências comunicativas e para a formação integral do sujeito.

Nos últimos anos, as discussões sobre metodologias ativas e práticas humanizadas na educação têm ressaltado a importância das narrativas orais como estratégias de ensino que unem emoção e razão, superando modelos pedagógicos centrados apenas na transmissão de conteúdo. A contação de histórias, quando planejada com intencionalidade pedagógica, transforma-se em uma ferramenta capaz de promover aprendizagens significativas, pois articula linguagem, imaginação e pensamento crítico. Diante desse cenário, torna-se necessário compreender de que modo a narrativa oral contribui para o desenvolvimento da linguagem e para o processo de alfabetização, especialmente em uma etapa da vida em que a criança está em plena descoberta do poder comunicativo da palavra.

A relevância deste estudo está em evidenciar que a contação de histórias não deve ser vista apenas como um recurso lúdico ou recreativo, mas como uma prática educativa essencial, com impactos diretos sobre o desenvolvimento linguístico, cognitivo e socioemocional. Em um momento histórico em que as tecnologias digitais e a fragmentação das relações interpessoais modificam as formas de interação, a oralidade ressurgue como um espaço de resistência e de reconexão humana.

Ao favorecer o diálogo, a escuta e o compartilhamento de experiências, a narrativa oral reafirma a escola como lugar de convivência, empatia e construção coletiva de saberes. Assim, o tema se justifica por sua pertinência pedagógica e por seu potencial de contribuir para uma educação mais afetiva, inclusiva e formadora de leitores críticos.

A problemática central que orienta a pesquisa pode ser sintetizada na seguinte questão: de que maneira a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da linguagem na educação infantil, promovendo avanços na oralidade, na escrita e na formação do pensamento crítico das crianças? A partir desse questionamento, estabelece-se como objetivo geral analisar o papel da contação de histórias no desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças na educação infantil. Como objetivos específicos, busca-se: compreender a importância da narrativa oral como instrumento de aprendizagem; identificar as contribuições afetivas, cognitivas e sociais da prática de contar histórias; e discutir as possibilidades de inserção dessa metodologia no planejamento pedagógico docente.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica, analisando produções acadêmicas que tratam da relação entre oralidade, narrativa e aprendizagem. Foram considerados estudos que abordam as contribuições da contação de histórias para a alfabetização, o desenvolvimento cognitivo e a formação de vínculos afetivos no ambiente escolar. Essa metodologia permite interpretar criticamente as concepções teóricas e as práticas relatadas, compreendendo a contação de histórias como uma ferramenta de mediação entre o conhecimento e a experiência humana.

A estrutura do artigo foi organizada de modo a refletir o percurso analítico adotado. Após esta introdução, o texto apresenta uma discussão sobre a narrativa oral como instrumento de desenvolvimento linguístico e cognitivo, destacando os processos mentais e comunicativos que se consolidam a partir da escuta e da recontagem de histórias. Em seguida, analisa-se a contação de histórias como prática afetiva e mediadora da aprendizagem, ressaltando a dimensão emocional e social dessa atividade

no contexto escolar. Por fim, a seção “Desafios e possibilidades da inserção das histórias no planejamento pedagógico” discute a importância de integrar a narrativa ao planejamento docente como estratégia interdisciplinar e humanizadora. O artigo se encerra com as considerações finais, nas quais são apresentadas as principais conclusões e recomendações para futuras práticas e pesquisas sobre o tema.

Assim, este estudo busca reafirmar que a contação de histórias é um gesto educativo de grande potência formadora. Ao unir palavra, emoção e imaginação, ela devolve à educação sua essência humanizadora, promovendo aprendizagens que tocam a razão e o coração. Compreender e valorizar a narrativa oral é, portanto, um passo essencial para transformar a sala de aula em um espaço de escuta, diálogo e construção de sentidos – elementos indispensáveis para o desenvolvimento pleno da linguagem e da sensibilidade na infância.

2. A NARRATIVA ORAL COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO LINGÜÍSTICO E COGNITIVO

A narrativa oral representa um dos fundamentos mais antigos da comunicação humana e permanece como um dos instrumentos mais fecundos para o desenvolvimento linguístico e cognitivo. Contar histórias é um gesto que ultrapassa o simples ato de falar, pois envolve a construção de sentidos, a preservação da memória e a mediação das relações entre sujeitos e culturas. Desde as tradições orais das comunidades ancestrais até as práticas educativas atuais, a oralidade configura-se como espaço de trocas simbólicas, onde se aprende a organizar o pensamento e a compreender o mundo. Nesse contexto, a narrativa oral revela-se um elemento essencial da formação humana, favorecendo tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento integral do indivíduo.

No campo educacional, a oralidade desempenha papel essencial como mediadora entre o conhecimento formal e as experiências cotidianas. As práticas de contação e recontagem de histórias estimulam a

linguagem, a escuta e a imaginação, favorecendo a estruturação do pensamento e o desenvolvimento cognitivo. Como observam Silveira e Silva (2014, p. 28), “o ato de narrar estimula o raciocínio lógico, a memória e a imaginação, favorecendo o domínio da língua e a ampliação da competência comunicativa”. Nesse sentido, Mesquita (2014, p. 52) destaca que “o diálogo com múltiplas narrativas amplia o repertório cultural e estimula a empatia”, aspecto que reforça a importância de inserir a oralidade de forma sistemática nas práticas pedagógicas contemporâneas.

A narrativa oral também atua como um dispositivo cognitivo de alto potencial pedagógico, pois mobiliza processos de atenção, inferência e memória. Conforme Matosinho e Abed (2024, p. 45) examinam:

Contar e ouvir histórias é uma forma de exercitar o pensamento simbólico e a capacidade de abstração. Ao reconstruir enredos, personagens e conflitos, o sujeito ativa mecanismos mentais de previsão e interpretação, o que fortalece o raciocínio e a criatividade. Tais práticas contribuem para a construção de esquemas cognitivos que facilitam a aprendizagem em diversas áreas do conhecimento.

No contexto escolar, a narrativa oral pode, portanto, ser compreendida como uma metodologia que articula emoção e razão, unindo o prazer da escuta ao desafio da elaboração discursiva.

Ao aproximar o aluno de diferentes formas de dizer e interpretar o mundo, a oralidade contribui para valorizar a diversidade linguística presente nas práticas sociais. Nas análises de Mesquita (2014, p. 59), “a contação de histórias resgata a multiplicidade de vozes e sotaques presentes nas comunidades, legitimando o valor pedagógico das variações da língua”. Ao reconhecer essa pluralidade, a escola fortalece o diálogo entre saberes populares e científicos, permitindo que o estudante compreenda a língua como fenômeno dinâmico e plural. Assim, o trabalho com narrativas orais estimula o respeito às identidades culturais e promove uma comunicação mais empática e inclusiva.

O desenvolvimento cognitivo mantém estreita relação com o domínio da linguagem oral, que sustenta o pensamento abstrato e a capacidade

de formular hipóteses. Segundo o que observa Dickel et al. (2025, p. 21), “as histórias contadas oralmente organizam o pensamento narrativo, permitindo que o sujeito aprenda a compreender relações temporais, causais e emocionais”. Para Santos et al. (2024, p. 34), “a escuta de narrativas ativa processos mentais complexos, integrando emoção e raciocínio na construção do conhecimento”. Ao ordenar acontecimentos e interpretar intenções, a criança amplia suas habilidades cognitivas e desenvolve autonomia intelectual.

No contexto da educação infantil, o poder formativo da narrativa oral torna-se ainda mais evidente. De acordo com o que sustenta Santos et al. (2024, p. 33),

A escuta de histórias estimula o vínculo afetivo entre professor e aluno e desperta a curiosidade intelectual necessária ao aprendizado. O ambiente narrativo é, ao mesmo tempo, um espaço de fantasia e de descoberta, onde a criança desenvolve habilidades linguísticas e emocionais de forma integrada.

O narrador, ao interpretar as histórias, mobiliza gestos, entonações e pausas que facilitam a compreensão e o engajamento. Essas dimensões paralinguísticas enriquecem o aprendizado, pois transformam a palavra em experiência sensorial e afetiva.

A incorporação da narrativa oral nas práticas pedagógicas exige uma abordagem que valorize a escuta, a expressão e o diálogo como fundamentos da aprendizagem. Segundo as reflexões de Mesquita (2014, p. 66), “contar histórias em sala de aula é criar um ambiente de confiança, no qual o erro se transforma em possibilidade de descoberta e o silêncio em gesto de escuta”. A oralidade, nesse sentido, não se limita a reproduzir conteúdo, mas a provocar a reflexão e a construção coletiva de significados. O professor torna-se mediador de sentidos, guiando o processo de aprendizagem por meio de interações autênticas e humanizadoras. Ao narrar e ouvir, o estudante desenvolve não apenas competências linguísticas, mas também emocionais, éticas e sociais.

A experiência narrativa representa uma oportunidade singular para o desenvolvimento da empatia e da imaginação moral, ao permitir que o sujeito se coloque no lugar do outro e compreenda a complexidade das ações humanas. O avanço cognitivo surge de vivências simbólicas e afetivas que mobilizam, de modo simultâneo, emoção e raciocínio. Ao identificar-se com personagens e situações, o ouvinte reorganiza suas percepções, valores e modos de interpretar o mundo. Essa integração entre afeto e pensamento revela o papel da oralidade como instrumento de autoconhecimento, favorecendo a formação integral e sensível do indivíduo.

De acordo com o que sustenta Matosinho e Abed (2024, p. 50):

As atividades de contação de histórias desenvolvem a consciência metalinguística, isto é, a capacidade de refletir sobre o próprio uso da linguagem. Essa consciência é essencial para o domínio da leitura e da escrita, pois permite ao aluno reconhecer estruturas narrativas, identificar gêneros textuais e compreender as intenções comunicativas presentes em cada enunciado.

Ao narrar, a criança não apenas comunica, mas também aprende a planejar o discurso, escolher vocábulos adequados e ajustar o tom à situação comunicativa. Assim, a narrativa oral contribui para o fortalecimento das habilidades argumentativas e para a ampliação da competência discursiva.

A partir dessa perspectiva, a oralidade consolida-se como um espaço de diálogo entre tradição e modernidade, unindo saberes ancestrais e práticas educativas contemporâneas. As histórias narradas funcionam como pontes simbólicas entre gerações, preservando a memória coletiva e reafirmando identidades culturais. Quando integrada ao currículo, a narrativa oral possibilita que o aluno reconheça suas origens e perceba o valor das formas de expressão de sua comunidade. Tal prática fortalece o pertencimento social e evidencia que aprender vai além da aquisição de conteúdo, envolvendo também o reconhecimento e a valorização das experiências compartilhadas.

Nas práticas contemporâneas de ensino, a narrativa oral pode dialogar com as tecnologias digitais sem perder seu potencial formador. O uso de *podcasts*, vídeos e gravações realizadas pelos próprios alunos aproxima a tradição oral do universo virtual, estimulando a criatividade e o protagonismo discente. Conforme Silveira e Silva (2014, p. 33) apontam, “a contação de histórias adaptada aos meios tecnológicos amplia o alcance da oralidade, ressignificando-a como espaço de criação e colaboração”. Ao assumir papéis como narradores, ouvintes e editores, os estudantes desenvolvem múltiplas competências comunicativas e um olhar crítico sobre a linguagem em circulação.

A narrativa oral constitui um instrumento que integra dimensões linguísticas, cognitivas e culturais em um mesmo processo formativo. No entendimento de Santos, Santos e Araújo (2024, p. 41), “a palavra narrada desperta o pensamento e dá corpo à imaginação, revelando-se uma ponte entre o sentir e o compreender”. De modo complementar, conforme Matosinho e Abed (2024, p. 55) destacam, “a experiência de narrar e escutar histórias amplia o repertório simbólico e favorece a construção coletiva do conhecimento”. A oralidade, ao unir emoção e reflexão, torna-se um meio privilegiado para desenvolver competências comunicativas, estimular a criatividade e fortalecer o sentido de pertencimento.

Em síntese, a narrativa oral é um território de construção de sentido, no qual linguagem e pensamento se entrelaçam em um processo contínuo de formação humana. Sua presença no ambiente escolar representa uma forma de resistência à fragmentação das relações e à superficialidade comunicativa que marcam a contemporaneidade. O ato de contar histórias recupera o valor da palavra como vínculo e do diálogo como caminho de conhecimento. Ao estimular o desenvolvimento linguístico e cognitivo por meio da oralidade, a educação reafirma sua vocação humanizadora: formar sujeitos capazes de compreender o mundo e de transformá-lo por meio da força criadora da linguagem.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA AFETIVA E MEDIADORA DA APRENDIZAGEM

A contação de histórias é uma das mais antigas e expressivas formas de transmissão de saberes, preservando valores, tradições e modos de compreender o mundo. No contexto escolar, essa prática adquire novo significado ao se tornar mediadora entre o afeto e o conhecimento, favorecendo a integração entre linguagem, emoção e pensamento. Contar histórias ultrapassa a simples reprodução de enredos: é um gesto de partilha simbólica que mobiliza memória, imaginação e sensibilidade. Quando incorporada ao cotidiano pedagógico, a oralidade torna-se um instrumento formador, capaz de despertar o interesse e construir significados duradouros para a aprendizagem.

No espaço escolar, a contação de histórias aproxima o conhecimento formal das vivências cotidianas, favorecendo o desenvolvimento linguístico e a formação socioemocional. Para Santos et al. (2022, p. 31), o narrar constitui:

Um gesto de acolhimento e de mediação entre o sentir e o pensar, em que o aluno encontra um terreno fértil para a construção do saber. Ao escutar histórias, as crianças ampliam seu repertório vocabular, desenvolvem a escuta ativa e aprendem a reconhecer estruturas narrativas que contribuem para a leitura e a escrita. O ato de narrar cria um vínculo entre narrador e ouvinte, despertando a sensibilidade e fortalecendo o engajamento no processo de aprendizagem.

A contação de histórias possui também uma dimensão formativa essencial para o desenvolvimento da linguagem. Ao ouvir e reproduzir narrativas, o estudante exercita a capacidade de organizar o pensamento, estruturar ideias e compreender a lógica interna da língua. Essa prática estimula o raciocínio sequencial e o domínio das formas discursivas, favorecendo tanto a oralidade quanto a escrita. Além de fortalecer a competência comunicativa, o contato com diferentes modos de narrar amplia a percepção sobre a diversidade linguística e cultural, transformando o

aprendizado da língua em um processo de compreensão do mundo e de si mesmo.

A contação de histórias constitui um espaço privilegiado de encontro entre saberes tradicionais e práticas educativas contemporâneas. Conforme destaca Cruz (2023, p. 39), “a narrativa oral resgata a memória coletiva e fortalece os laços culturais que sustentam a identidade de um povo”. Ao trazer mitos, lendas e contos para o ambiente escolar, o narrador recupera vozes que expressam a pluralidade das experiências humanas. Segundo Ferreira (2020, p. 51), “valorizar a oralidade é reconhecer a potência educativa das culturas locais e a dimensão ética do pertencimento”. Assim, a escola que integra a contação de histórias em seu cotidiano forma sujeitos mais sensíveis, críticos e conscientes de sua herança cultural.

A dimensão cognitiva da contação de histórias manifesta-se na capacidade de desenvolver habilidades complexas de inferência, interpretação e generalização. De acordo com o que afirmam Cardoso e Faria (2016, p. 58), “a estrutura narrativa funciona como um modelo cognitivo de organização do pensamento, pois ensina a compreender causas, consequências e intenções”. Durante a escuta de uma história, o aluno ativa processos mentais de previsão, memória e analogia, exercitando o pensamento crítico e criativo. A contação, portanto, não é apenas uma prática de entretenimento, mas um exercício de raciocínio que articula emoção e lógica, fortalecendo as funções cognitivas superiores e a autonomia intelectual.

Além de favorecer o desenvolvimento cognitivo, a contação de histórias exerce papel essencial na construção de vínculos afetivos e sociais no ambiente escolar. O ato de narrar desperta emoções, aproxima as pessoas e transforma o espaço educativo em um lugar de acolhimento e empatia. A voz, o ritmo e os gestos do contador de histórias conferem à experiência pedagógica um caráter sensível e humano, no qual o aluno participa ativamente do processo de aprendizagem. Ao envolver razão e emoção, a narrativa oral estimula a imaginação, o diálogo e o sentimento de pertencimento, contribuindo para uma educação mais inclusiva e relacional.

A contação de histórias, ao promover encontros e trocas simbólicas, transforma o ambiente escolar em um espaço de convivência democrática. Nesse contexto, o aluno aprende a escutar, respeitar e valorizar a palavra do outro, exercitando a empatia e a cooperação. Conforme destacam Santos et al. (2022, p. 35), “a oralidade, ao favorecer o diálogo, desperta no sujeito a consciência de que o conhecimento é construído coletivamente”. Contar e ouvir histórias exige atenção e presença, contrariando a lógica da pressa e da fragmentação que marca o cotidiano contemporâneo. Assim, a narrativa oral reafirma o poder do diálogo como princípio humanizador da aprendizagem.

A afetividade, presente no ato de contar, é também uma ferramenta para o desenvolvimento emocional e moral dos estudantes. Conforme menciona Melo (2025, p. 54):

As histórias mobilizam emoções e valores, permitindo que as crianças compreendam a si mesmas e os outros. Ao se identificarem com personagens e conflitos narrativos, os alunos aprendem a lidar com sentimentos como medo, coragem, tristeza e solidariedade. A narrativa funciona, portanto, como um espelho simbólico, no qual o sujeito projeta e elabora suas experiências internas. Esse processo é essencial para a construção da identidade e para a formação de uma consciência ética e sensível às diferenças.

A contação de histórias constitui também um poderoso instrumento de humanização, capaz de integrar emoção e conhecimento em um mesmo gesto educativo. Por meio das narrativas, o professor aproxima a aprendizagem da vida cotidiana, transformando o espaço escolar em um lugar de encontro e sentido. Ao explorar a dimensão poética da linguagem, o ato de narrar devolve ao ensino sua vitalidade e seu caráter criativo. Contar histórias é um modo de resistir à fragmentação e à mecanização do aprender, promovendo experiências de sensibilidade, empatia e imaginação. Assim, a escola reafirma seu papel na formação integral do ser humano, equilibrando razão e afeto.

A contação de histórias representa uma síntese entre o ensinar e o cuidar, o ouvir e o dizer, o pensar e o sentir. Sua força pedagógica está

na capacidade de transformar o aprendizado em experiência estética, afetiva e relacional. Quando conduzida com intencionalidade e emoção, a narrativa desperta o prazer de aprender e o desejo de conhecer, tornando o ato educativo mais significativo. Nesse movimento, o professor reencontra o sentido de sua prática e o aluno descobre, na escuta e na imaginação, caminhos para compreender o mundo e construir sua própria humanidade. A história contada, assim, torna-se ponte entre razão e sensibilidade, entre conhecimento e vida.

4. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INSERÇÃO DAS HISTÓRIAS NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

A inserção das histórias no planejamento pedagógico representa um reencontro entre ensino, afeto e imaginação. O ato de narrar, profundamente enraizado nas tradições culturais, ressurgiu na escola como meio de humanizar o aprendizado e fortalecer os vínculos entre professor e aluno. Ao contar histórias, o educador desperta a escuta sensível, a empatia e o pensamento reflexivo, criando condições para que o conhecimento seja vivido e sentido. A narrativa, nesse contexto, ultrapassa a função ilustrativa e assume papel transformador, pois integra emoção e razão, tornando o processo educativo mais significativo e conectado às experiências humanas.

No contexto contemporâneo, marcado por metodologias ativas e tecnologias digitais, a história continua a exercer papel essencial como mediadora da aprendizagem. O planejamento pedagógico que inclui o ato narrativo oferece ao educador a possibilidade de integrar emoção e razão, estimulando a imaginação sem abandonar o rigor formativo. Para Santos (2017, p. 42):

A narrativa é o espaço onde se cruzam memória, imaginação e reflexão, gerando sentido ao aprender. O uso das histórias em sala de aula permite o diálogo entre o conteúdo curricular e as vivências dos estudantes, promovendo o engajamento e a construção coletiva de significados.

Entretanto, ainda há resistências à presença das narrativas no planejamento docente. Muitos professores associam a contação de histórias à recreação ou ao simples estímulo à leitura, o que reduz seu potencial formativo. Essa limitação decorre, em parte, da ausência de uma formação inicial que enfatize as metodologias narrativas. Dieter (2024, p. 38) observa que “a escola ainda não reconhece plenamente o valor epistemológico das histórias, tratando-as como momentos periféricos da prática pedagógica”. Tal constatação evidencia a necessidade de repensar o lugar da oralidade e da imaginação no currículo, considerando-as dimensões legítimas do conhecimento e não apenas ornamentos do ensino.

O planejamento pedagógico que incorpora histórias requer intencionalidade e equilíbrio entre objetivos cognitivos e afetivos. O professor que narra torna-se mediador entre saberes, articulando o conhecimento científico às dimensões sensíveis do aprendizado. Construir um projeto educativo que valorize a narrativa implica reconhecer sua natureza simbólica e seu poder de integrar emoção e razão. Ao ser inserida nas práticas pedagógicas, a contação de histórias transforma-se em ferramenta interdisciplinar, capaz de atravessar diferentes áreas do conhecimento e promover uma aprendizagem mais significativa, criativa e conectada à experiência humana.

Ao serem inseridas no planejamento, as histórias revelam seu poder de inclusão e de pertencimento. A narrativa oral, escrita ou digital permite que cada aluno se reconheça nas tramas que escuta e constrói. Santos (2023, p. 29) afirma que:

Toda criança pode se identificar com a história contada, independentemente de suas dificuldades ou trajetórias escolares. Essa perspectiva amplia a dimensão democrática da educação, pois reconhece a diversidade de vozes e saberes que habitam o espaço escolar. O ato de narrar torna-se, assim, uma prática política, capaz de dar visibilidade a identidades, culturas e experiências silenciadas.

Planejar com histórias implica integrar emoção e razão no processo educativo. As narrativas despertam sentimentos, evocam lembranças e

favorecem a reflexão crítica sobre si e sobre o mundo. Conforme Chagas (2024, p. 73) observa, “a história contada cria um ambiente simbólico de segurança, em que o aluno pode explorar suas emoções e compreender o outro”. Nesse sentido, Santos (2023, p. 41) acrescenta que “o diálogo afetivo que emerge da contação de histórias sustenta vínculos de confiança e pertencimento, essenciais à aprendizagem significativa”. Assim, ao narrar, o professor acolhe a subjetividade do aluno e transforma o ensino em uma experiência compartilhada de sentido e escuta.

A prática narrativa contribui amplamente para o desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas. Ao ouvir e recontar histórias, os alunos exercitam a memória, a lógica sequencial e a capacidade de organizar o pensamento de forma coerente. Esse processo estimula o raciocínio, a interpretação e a argumentação, servindo de base para o aprimoramento do letramento e da produção textual. Assim, o ato de narrar ultrapassa os limites da oralidade e estabelece pontes com a escrita e com o pensamento crítico, fortalecendo a autonomia intelectual e comunicativa do aluno como leitor e produtor de sentidos.

Contudo, inserir histórias no planejamento requer tempo, preparo e reflexão. O professor precisa escolher textos adequados às faixas etárias e aos objetivos pedagógicos, articulando-os às competências da BNCC e aos contextos culturais dos alunos. Dieter (2024, p. 41) propõe que “o planejamento narrativo deve nascer da escuta das turmas e das necessidades do grupo, e não de roteiros prontos ou modismos didáticos”. A personalização da narrativa e sua integração com o cotidiano escolar são condições fundamentais para que o contar se torne instrumento de aprendizagem e não mera atividade decorativa.

Além disso, é preciso reconhecer as potencialidades das novas linguagens. As histórias digitais, os *podcasts* e as narrativas multimodais ampliam o repertório pedagógico e desafiam os educadores a reinventar o modo de contar. Conforme ressalta Santos (2017, p. 48), a escola precisa se abrir à hibridez das linguagens, “onde texto, som e imagem se entrelaçam para criar experiências de leitura mais sensoriais e participativas”. Ao

incluir essas formas de expressão no planejamento, o professor fortalece a formação crítica dos estudantes e os prepara para compreender e produzir discursos em múltiplos suportes e mídias.

Por fim, planejar com histórias significa planejar com sensibilidade e propósito. As narrativas reintroduzem a dimensão humana no processo educativo e fazem da escola um espaço de construção coletiva de sentido. Quando o professor utiliza a contação como prática reflexiva, o planejamento deixa de ser apenas técnico e ganha valor ético e estético, fortalecendo a relação entre emoção e conhecimento. Assim, o ato de narrar torna-se um gesto de cuidado e partilha, capaz de transformar os desafios em possibilidades e de reafirmar a essência da educação: formar sujeitos críticos, criativos e profundamente humanos.

5. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, com o objetivo de investigar o papel da contação de histórias no desenvolvimento da linguagem oral e escrita na educação infantil. A revisão bibliográfica foi escolhida como procedimento metodológico por permitir a análise crítica de contribuições teóricas já consolidadas e recentes sobre o tema, bem como identificar práticas pedagógicas relevantes para a promoção da linguagem na primeira infância.

A coleta de dados foi realizada a partir da seleção de obras acadêmicas, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais publicados nos últimos 10 anos, priorizando fontes indexadas em bases como Scielo, Google Acadêmico, CAPES e periódicos da área de Educação e Linguagem. Os critérios de inclusão envolveram materiais que abordassem diretamente a relação entre contação de histórias e desenvolvimento da linguagem, bem como estudos que discutissem os benefícios pedagógicos da narrativa oral no contexto da educação infantil.

A análise dos textos selecionados seguiu uma abordagem qualitativa e interpretativa, com foco na identificação de aspectos como: o impacto da

contação de histórias na ampliação do vocabulário e na oralidade infantil; a contribuição das narrativas para a compreensão textual e o estímulo ao pensamento crítico; os efeitos da mediação afetiva entre educador e criança durante a atividade; as estratégias pedagógicas mais eficazes no uso da contação de histórias, incluindo o uso de recursos visuais e interativos.

O embasamento teórico do estudo apoiou-se em autores como, Araújo, Chagas, Dickel, entre outros, que discutem a importância da linguagem no desenvolvimento infantil e o papel das práticas narrativas no processo de alfabetização.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu reunir e sistematizar evidências que fundamentam a inclusão sistemática da contação de histórias no planejamento pedagógico da educação infantil, reforçando a necessidade de formação continuada dos professores e o incentivo a políticas educacionais que reconheçam essa prática como ferramenta essencial no processo de aprendizagem.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revelou que a contação de histórias exerce um papel significativo no desenvolvimento da linguagem oral e escrita na educação infantil.

Diversos estudos apontam que a exposição frequente a narrativas contribui para a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da escuta atenta e a melhoria na compreensão textual. Crianças que participam regularmente de momentos de contação de histórias tendem a demonstrar maior habilidade na construção de frases, no uso de expressões mais elaboradas e na articulação de ideias com coesão e clareza.

Outro aspecto recorrente nos estudos analisados é o caráter interativo da contação de histórias, que promove o diálogo, o questionamento e a reflexão, estimulando o pensamento crítico desde os primeiros anos escolares. Essa interação entre narrador e ouvintes favorece a construção

conjunta de sentidos, incentivando a criança a participar ativamente do processo comunicativo e a desenvolver competências interpretativas.

Além dos ganhos linguísticos, os resultados mostram que a contação de histórias tem impacto positivo no desenvolvimento emocional e social das crianças. A atividade fortalece os vínculos afetivos entre educadores e alunos, criando um ambiente de segurança e confiança que favorece a aprendizagem. As histórias funcionam como pontes para o entendimento de sentimentos, valores e comportamentos, contribuindo para a formação integral da criança.

No que se refere aos recursos utilizados nas práticas pedagógicas, os estudos destacam a eficácia do uso de livros ilustrados, fantoches, dramatizações e outros elementos lúdicos como formas de tornar a narrativa mais envolvente e acessível. Tais estratégias ampliam a experiência sensorial da criança e contribuem para o seu engajamento durante a atividade.

Em síntese, os resultados evidenciam que a contação de histórias, quando realizada de forma planejada e interativa, é uma ferramenta pedagógica poderosa, que favorece não apenas a alfabetização, mas o desenvolvimento global da criança, promovendo linguagem, imaginação, vínculo afetivo e prazer pela leitura.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo evidencia que a contação de histórias constitui uma das práticas pedagógicas mais significativas para o desenvolvimento integral da criança, especialmente na fase da educação infantil. Ao investigar o papel das narrativas orais no processo de aquisição da linguagem, compreende-se que o ato de contar histórias ultrapassa o simples entretenimento e assume uma função essencial na formação cognitiva, afetiva e social dos educandos. Por meio da escuta e da interação com diferentes narrativas, as crianças ampliam o vocabulário, fortalecem a oralidade e desenvolvem habilidades de interpretação e

argumentação, elementos fundamentais para o sucesso no processo de alfabetização e letramento.

Os resultados discutidos reforçam que a contação de histórias é uma prática que integra razão e emoção, estimulando a imaginação e a criatividade, sem dissociá-las do pensamento lógico e crítico. A narrativa oral se mostra como um espaço privilegiado de aprendizagem, onde a criança constrói sentidos e desenvolve autonomia intelectual a partir da escuta sensível e da mediação do professor. O ambiente narrativo, ao unir afetividade e conhecimento, transforma-se em um território fértil para o diálogo, a empatia e o respeito às diferenças, favorecendo a formação de sujeitos mais conscientes, éticos e cooperativos.

Ao ser incorporada ao planejamento pedagógico, a contação de histórias revela seu potencial interdisciplinar e humanizador. A presença da oralidade no cotidiano escolar permite a articulação entre as diversas áreas do conhecimento e o desenvolvimento de competências socioemocionais, cognitivas e comunicativas. O professor, ao atuar como narrador e mediador, contribui para que o aprendizado se torne uma experiência significativa, na qual a escuta e a palavra assumem valor formativo. Essa prática reafirma a importância da educação como espaço de convivência, partilha e construção coletiva de saberes.

Apesar dos avanços teóricos e práticos reconhecidos, ainda persistem desafios quanto à valorização da contação de histórias como metodologia estruturante no contexto escolar. Muitos educadores carecem de formação específica para o uso intencional das narrativas e, por isso, limitam-se a aplicá-las de maneira esporádica ou lúdica. Diante desse cenário, torna-se necessário investir em políticas públicas e programas de formação continuada que capacitem os docentes para a utilização da narrativa oral de modo planejado, reflexivo e criativo. Tal iniciativa pode fortalecer a prática pedagógica e ampliar o alcance da linguagem como instrumento de expressão, pensamento e transformação social.

Recomenda-se, ainda, que futuras pesquisas aprofundem o estudo sobre os impactos da contação de histórias em diferentes etapas da

escolarização, bem como sua integração com as tecnologias digitais e metodologias ativas. O uso de *podcasts*, vídeos, aplicativos e recursos multimodais pode ampliar o repertório narrativo, aproximando a tradição oral do universo contemporâneo e promovendo uma aprendizagem mais participativa e inclusiva. Essa combinação entre oralidade e tecnologia constitui um campo fértil para novas investigações que busquem compreender as potencialidades da narrativa em múltiplos contextos educativos.

Em síntese, a contação de histórias reafirma a dimensão humanizadora da educação. Ao unir palavra, emoção e imaginação, o ato de narrar resgata o sentido do encontro e devolve ao ensino o caráter sensível e transformador que o constitui. Contar histórias é educar pela escuta, é reconhecer no outro um interlocutor e um criador de sentidos. Por essa razão, valorizar a narrativa oral é também valorizar o próprio ato de educar – um gesto que, ao mesmo tempo em que ensina, acolhe, inspira e forma seres humanos capazes de compreender e reinventar o mundo a partir da força viva da linguagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3847/1/arquivo259_1.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, Moacir Alves de. **A contação de histórias no desenvolvimento da Educação Infantil.** Revista *Arteficial e Cultura*, v. 6, p. 45-60, 2016. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ana-lucia-sanches.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CHAGAS, Maria Rita das. **A contação de histórias na Educação Infantil: estratégia para o desenvolvimento.** Revista *REASE*, v. 10, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/14231/7231/30356>. Acesso em: 5 set. 2025.

CRUZ, Neidivaldo Santana. **A contação de histórias como ferramenta da prática pedagógica na educação infantil.** Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6404> . Acesso em: 22 set. 2025.

DICKEL, A. et al. **A narrativa na educação infantil: a mobilização de funções psíquicas superiores.** (local: CIESPI). Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/fde4db3a0651e11e-dbe6e5141d3afd01c/a-narrativa-na-educacao-infantil.pdf> . Acesso em: 5 set. 2025.

DIETER, Marilene Terezinha Felipe. **Contação de histórias: um caminho para encantar alunos e aprendizagem.** ECCOS – Revista Científica, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/26379> . Acesso em: 20 set. 2025.

FERREIRA, L. C. **A contação de histórias como prática educativa.** Revista Acorda's Letras, Feira de Santana, v. 4, n. 2, p. 121-132, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/66> . Acesso em: 5 set. 2025.

MATOSINHO, Vivian dos Santos Alves; ABED, Carolina Zuppo. **Somos feitos de histórias: as narrativas orais infantis como aliadas da aprendizagem.** Revista HistedBR, v. 24, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/8667460/34919/181346> . Acesso em: 13 ago. 2025.

MELO, Denise Saraiva de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica no desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/46315> . Acesso em: 18 ago. 2025.

MESQUITA, Francisca Aurélio Rodrigues de N. **A contação de história no desenvolvimento da linguagem oral.** Revista Extensão em Ação, v. 1, n. 6, 2014. Disponível em: <http://www.revistaprex.ufc.br/index.php/EXTA/article/view/82/107> . Acesso em: 22 set. 2025.

NOVAIS, Beatriz Moreira. **A contação de histórias como contribuição para o saber docente.** Caderno de Educação (UEMG), v. 19, n. 48, p. 9-23, 2018.

Disponível em: <https://revista.uemg.br/cadernodeeducacao/article/download/3326/1814>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SANTOS, Aleksandra Diniz de; SANTOS, Jéssica Oliveira dos; MONTEIRO, Jocelina Correia. **A contação de histórias na educação infantil: um despertar para a criatividade e a imaginação das crianças.** Revista do Instituto de Ensino Superior Franciscano, 2022. Disponível em: <https://iesfma.com.br/wp-content/uploads/2023/05/A-CONTACAO-DE-HISTORIAS-NA-EDUCACAO-INFANTIL-um-despertar-para-a-criatividade-e-a-imaginacao-das-criancas.-SOUSA-Aleksandra-Diniz-de.-SANTOSJessica-Oliveira-dos.-2022.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SANTOS, Ednaldo Rodrigues Gonçalves. **A contação de histórias: uma prática docente para formação de novos leitores.** Faculdade Unicamps, 2023. Disponível em: <https://facunicamps.edu.br/wp-content/uploads/2023/09/A-CONTACAO-DE-HISTORIAS-UMA-PRATICA-DOCENTE-PARA-FORMACAO-DE-NOVOS-LEITORES.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SANTOS, Jucilene Conceição; SANTOS, Michele Alves; ARAÚJO, Jurandir de Almeida. **Literatura e contação de história na Educação Infantil: construção do saber e imersão ao mundo fantasia.** Cairu em Revista, n. 25, Ago 2024. Disponível em: https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/20242_20/SECAO2/01_LITERATURA_CONTACAO_HISTORIA.pdf. Acesso em: 9 set. 2025.

SANTOS, Elenilde Nascimento. **A contação de história como prática pedagógica: caminhos na educação infantil.** Revista Educação & Pesquisa Social (REPS), v. 8, n. 2, p. 734-748, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/download/10008/6441>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVEIRA, A. C. F. de; SILVA, J. P. R. da. **Desenvolvimento da narrativa oral e o nível de escolaridade materna.** Revista de Ciências da Faculdade de Educação (RCEFAC), 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/jttNVSgMwjLjts-BhWRwZPfg/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUSA, Iasmim Dias Pinto de; XAVIER, Wislorry Lira; LIMA, Ângela Ferreira. **A contação de história como recurso pedagógico nas aulas de língua portuguesa dos anos iniciais.** Research, Society and Development, v. 11, n. 13, e592111335892, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35892. Disponível em: <https://>

rsdjournal.org/rsd/article/download/35892/30028/396254. Acesso em: 10 ago. 2025.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Revista de Educação, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/4643/4891> . Acesso em: 5 set. 2025.